

A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS DE 4 A 5 ANOS

Mariana Guaita Paese¹
Patrícia Helena Rubens Pallu²

RESUMO

O presente artigo tem por finalidade o estudo da contribuição da storytelling (contação de histórias) para o processo de ensino-aprendizagem da Língua Inglesa na Educação Infantil. As histórias representam os meios pelos quais a criança desenvolve a criatividade, a cognição, a interação e o raciocínio. Esse trabalho se desenvolveu por meio de uma pesquisa bibliográfica sobre as fases de desenvolvimento da criança e o uso da contação de histórias no processo de ensino-aprendizagem de Língua Inglesa. Concluiu-se que é muito importante que os professores utilizem a contação de histórias para um melhor desenvolvimento da aprendizagem da Língua Inglesa.

Palavras-chave: Contação de História. Educação Infantil. Língua Inglesa. Criança. Imaginação.

¹ Graduanda em Letras Português/Inglês pela FAE Centro Universitário.
E-mail: marianapaese@hotmail.com

² Mestre em Educação e Cultura pela UFSC. Professora da FAE Centro Universitário.
E-mail: patricia.pallu@fae.edu

INTRODUÇÃO

A *storytelling* (contação de histórias) é umas das técnicas utilizadas no ensino de uma nova língua. Em se tratando de ambiente escolar, as aulas de Língua Inglesa com *storytelling* promovem o aprendizado não somente cognitivo ou emocional, mas também o aprendizado de outra língua de forma contextualizada para a fixação de vocabulário, o reconhecimento auditivo/oral de outra língua por meio do *listening*, e até mesmo a abertura de raciocínios em Língua Estrangeira (LE), pois faz com que a criança crie as imagens da história contada na própria cabeça.

As escolas que trabalham com a Educação Infantil estão cada vez mais interessadas em incluir a Língua Inglesa em seu currículo como um diferencial nesse nível de ensino. Isto se deve ao fato de que o aprendizado de uma nova língua é muito mais fácil para crianças, pois elas estão em um período de adequação ao mundo e ao conhecimento de todas as áreas, segundo o psicólogo suíço Jean Piaget (2007).

Este artigo foi elaborado com base nos estudos e resultados das pesquisas realizadas no trabalho de conclusão de curso da autora, o qual apresenta um estudo sobre o uso da contação de histórias em aulas de Língua Inglesa para crianças de 4 a 5 anos. O objetivo geral é explicar se o papel da contação de histórias (*storytelling*) como forma de oferecer um contato mais próximo da LE, no caso Inglês, e as variedades linguísticas são um fator determinante para o aprendizado da Língua Inglesa. O objetivo específico é apresentar um levantamento bibliográfico sobre as teorias da *storytelling*, relacionando o texto ao cotidiano e demonstrando alguns aspectos da evolução linguística com a contação de histórias para crianças.

A metodologia empregada foi a pesquisa bibliográfica, que buscou relacionar o texto ao cotidiano, e experimental, demonstrando aspectos da evolução linguística em Língua Inglesa em crianças de 4 a 5 anos com a aplicação de *storytelling*. A justificativa desse trabalho está vinculada à prática da *storytelling* para o aprendizado da Língua Inglesa, pois a narrativa utiliza funções simbólicas e imaginativas que, para crianças dessa faixa etária, são essenciais no aprendizado de uma nova língua.

O ensino da Língua Inglesa para crianças torna-se facilitado e prazeroso quando vinculado à contação de histórias, pois as crianças estão inconscientemente adquirindo uma nova língua ao se envolverem com as histórias, além do enriquecimento vocabular adquirido.

1 DESENVOLVIMENTO

Para compreender a importância da *storytelling* para crianças de 4 a 5 anos, é importante conhecer as características das fases do desenvolvimento das crianças segundo Jean Piaget.

1.1 ESTÁGIOS DO DESENVOLVIMENTO MENTAL SEGUNDO PIAGET

Jean Piaget, psicólogo e filósofo suíço, propôs um estudo de níveis de desenvolvimento psicológico e cognitivo da criança, denominado de Teoria Cognitiva, e subdividiu as fases do desenvolvimento mental de forma gradativa em: sensório-motor, pré-operatório, operatório completo e operatório formal.

Segundo Piaget (2007), o primeiro estágio é o sensório-motor, que dura aproximadamente dos 0 aos 2 anos e é o período em que o bebê adquire os conhecimentos por meio de suas próprias ações e noções físicas que evoluem a cada dia. Durante essa fase é possível observar algumas características bem marcantes por intermédio de ações, como a percepção do próprio corpo, a sua indiferença para com o mundo, o egocentrismo, a exploração dos ambientes à sua volta, a imitação e a inteligência prática.

A próxima fase é a pré-operatória, que coincide com a fase pré-escolar, que vai dos 2 aos 7 anos de idade aproximadamente. O primeiro nível do pensamento pré-operatório, de 2 a 4 anos, estima o aprendizado por meio da imitação representativa, em que a criança assimila todos os conceitos anteriores, como as ações corporais de chupar, olhar e agarrar inconscientemente, e pratica da mesma maneira que vê. Os progressos da imitação são já uma novidade essencial quanto ao período sensório-motor, e de acordo com Piaget (2007, p. 20), “a passagem das condutas sensório-motoras para as ações conceitualizadas deve-se não apenas à vida social, mas também aos progressos da inteligência pré-verbal em seu conjunto e à interiorização da imitação em representações”.

O segundo nível pré-operatório caracteriza-se pela descentração, quando a criança de 5 a 6 anos descobre certas ligações objetivas, que Piaget define como **funções constituintes**. Para a criança dessa faixa etária, as ações são irreversíveis, como estipular trajetos de ida e volta iguais, porém ela já pensa de forma lógica quanto à colocação em fileira de, por exemplo, quadrado, círculo, quadrado, círculo.

O primeiro nível do estágio das operações concretas se dá dos 7 aos 8 anos, período em que a criança já interiorizou e conceituou todos os movimentos do seu cérebro necessários para a cognição e que agora transitam para a categoria de operações. Nessa faixa etária, ela relaciona diferentes aspectos e dimensões, que Piaget denomina

de **princípio de invariância**. A consciência está mais clarificada quanto ao aspecto de reversibilidade, que no estágio anterior era impossível.

Diferentes das operações concretas são as operações formais, que são utilizadas para trabalhar com o gênero de expressão verbal da relação da lógica que, de acordo com Piaget (1990), é necessário para a essência do progresso e capacidade intelectuais. Durante a fase das operações formais, as crianças conseguem, sem auxílio, classificar, contar e colocar objetos em série.

A última fase caracterizada por Piaget (1990, p. 23), que aborda a finalização do desenvolvimento intelectual, inicia-se na pré-adolescência e é “capaz de operar com as operações por meio de proposições simbólicas”. A resposta para a utilização de abreviações constantes na fala do adolescente se deve ao fato de que o sujeito consegue obter respostas de operações ou hipóteses e conservá-las em mente. Nesta fase é comum o debate e as argumentações assíduas, pois já está interiorizado o domínio do seu pensamento vinculado à fala.

A seguir será exposta uma abordagem mais aprofundada do objeto de estudo do trabalho: as crianças de 4 a 5 anos.

1.2 AS CRIANÇAS DE 4 A 5 ANOS

A criança com 4 anos possui como tipo dominante de raciocínio a intuição baseada na percepção. O pensamento pré-operacional pode refletir sobre a organização dos próprios atos, é bastante ativo e pode superar o presente imediato, ou seja, ao trabalhar a memória, a criança vivencia algum aspecto presente e socializa com o mundo ao seu redor. A cognição representacional pode socializar-se por meio de um sistema de símbolos que toda cultura pode compartilhar.

1.3 COMO A CRIANÇA DE 4 A 5 ANOS APRENDE

As autoras Katy Sylva e Ingrid Lunt (1999) descrevem pontualmente as características das crianças desde que se percebem independentes, com aproximadamente um ano e meio, e comparam com jogos e brincadeiras as ações do cotidiano.

Durante toda a infância, cada nova habilidade que se aprende significa um novo jogo a ser jogado. A criança de um ano e meio geralmente está feliz quando brinca sozinha, descobrindo e repetindo diversas ações, praticando habilidades que dominou e explorando suas variações, aparentemente desfrutando os movimentos em si mesmos. Depois, aos três anos de idade, as crianças estão felizes quando brincam juntas em pequenos grupos e aprendem sobre a vida por meio de faz-de-conta; a mais simples

caixa de sapatos pode tornar-se um carro de bombeiros, e o ursinho de pelúcia, uma criança em perigo. [...] Depois de a criança entrar na escola, com cinco anos de idade, suas brincadeiras tendem cada vez mais a serem dominadas por complicadas regras e situações, pondo à mostra a crescente complexidade de sua compreensão e de seu pensamento (SYLVA; LUNT, 1999, p. 219).

Percebe-se que o desenvolvimento da criança se dá, sobretudo, pela interação com objetos e outras pessoas. A aprendizagem exige da criança esforços, mas a linguagem já está presente na criança de 4 anos de uma forma bem clara e faz com que esta expresse todos os seus sentimentos.

Para Mussen (1972), o aprendizado apenas ocorrerá se a criança for motivada, isto é, se tiver alguma necessidade ou desejo para aprender. O **reforço**, palavra utilizada pelo psicólogo Skinner (apud MUSSEN, 1972), também pode ser utilizado como método de aprendizagem: “qualquer coisa pode ser um reforço, desde que aumente a probabilidade de ocorrência da ação que a precedeu.” (BRAZELTON; SPARROW, 2003, p. 166), ou seja, as crianças aprendem a usar talheres adequadamente, a limpar os quartos e a fazer atividades do cotidiano por meio de amostragem dos pais e de reforços parentais, como sorrisos, agrados e doces. Skinner (apud MUSSEN, 1972) também investigou a punição, contrária ao reforço positivo, em que as crianças pararam de jogar comida no chão depois que a mãe lhes deu um tapinha leve. A punição surte efeitos negativos quando empregada de maneira indevida em sala de aula, como, por exemplo, a professora interpretar a participação de um aluno como bagunça e o fazer ficar quieto.

A criança nessa faixa etária é caracterizada pelo constante exercício de suas funções simbólicas, ou o faz-de-conta. Para Piaget (1976), a criança usa os símbolos nas brincadeiras para simular as ações parentais. Nesse estágio, a brincadeira simbólica torna-se a principal forma de brincar: “A essência do faz-de-conta consiste em que a criança transforma a si, ou a um objeto, em alguma outra coisa.” (SYLVA; LUNT, 1999, p. 222). Por exemplo, numa brincadeira de faz-de-conta, dois meninos de 5 anos transformam-se em bombeiros, utilizando fantasias, e apagam um fogo fictício.

1.4 A FANTASIA DAS HISTÓRIAS PARA AS CRIANÇAS

Segundo as psicólogas Kathy Sylva e Ingrid Lunt (1999), as idades de 4 e 5 anos são caracterizadas e diferenciadas pelas crianças deixarem de somente imitar as ações parentais e apresentarem ganhos pela comunicação efetiva social, intelectual e afetiva. As autoras afirmam também que a inserção no ambiente escolar faz com que as crianças vinculem o aprendizado de casa com a escola. Novas palavras, novas músicas e novas histórias são levadas de casa para a escola e vice-versa. Em se tratando de história, esta tem um papel de divertimento, transmissão de conhecimentos de um povo, valores e emoções.

Para Bettelheim (2002), os contos de fadas têm uma grande contribuição para a inserção da criança na sociedade, pois a linguagem encontrada nos contos é diferente do real e, assim, ela descobre e diferencia o mundo real do mundo fantástico encontrado nas narrativas.

Para a autora Cléo Busatto (2003, p. 17), as histórias têm como função encantar, curar, divertir e ensinar: “o conto de tradição oral, seja ele conto de fada, mito, lenda, fábula, ou conto de ensinamento, encanta por alimentar o nosso imaginário e dar mais brilho ao nosso mundo interior”. Os personagens dos contos geralmente desaparecem após concluírem suas funções, pois é papel da imaginação fértil dar um destino aos personagens, o que é bastante comum com crianças na faixa etária entre 4 e 5 anos, que muitas vezes simulam situações após as sessões de contação de histórias e as continuam como se fossem os protagonistas do enredo.

Para Bettelheim (2002, p. 197), “o conto de fadas é a cartilha com a qual a criança aprende a ler a sua mente na linguagem das imagens, a única linguagem que permite a compreensão antes de conseguirmos a maturidade intelectual”. As crianças precisam dessa linguagem para prestarem atenção nela.

1.4.1 As Histórias no Contexto Pedagógico

A literatura oral serve a muitos propósitos, a começar pela formação psicológica, intelectual e espiritual do ser humano, segundo Cléo Busatto (2003). Na sala de aula, o professor é o mediador que abrange diferentes áreas de conhecimento. Os contos são elementos integradores de um trabalho em sala de aula, pois variadas culturas podem ser abordadas e pesquisadas.

Os contos podem servir como estímulo para o aprendizado de outras disciplinas. Em Artes, por exemplo, a criança pode recriar o conto por meio da linguagem visual (pintura, construções com massa de modelar, desenho etc.), linguagem corporal ou musicalizá-lo a partir de sons produzidos pelo próprio corpo ou objetos da sala de aula. Em Geografia, a criança pode criar um mapa da região em que acontece a história, ou estudar as diferenças do planeta Terra, por exemplo. Nas Ciências Naturais também podem ser exploradas as diferenças do Lobo Mau e da Chapeuzinho Vermelho em seu habitat natural, seus hábitos alimentares etc.

A criança cria histórias no imaginário, pois o Mundo das Fadas faz parte do período pré-operatório. Segundo Piaget (1990), a realização da contação durante as aulas faz com que o aprendizado seja significativo. Bruno Bettelheim, em seu livro *A psicanálise dos contos de fadas* (2007), apresenta os mesmos princípios de estudo quanto à fantasia

de Jean Piaget, pois afirma que além de o aprendizado ser significativo, ele diverte e desenvolve a personalidade da criança:

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos são à vida da criança (BETTELHEIM, 2007, p. 20).

Duas entrevistas com professoras da Educação Infantil foram realizadas para a explanação de como é a contação de histórias na sala de aula. A professora Ana Carolina Pessoa, do Colégio Internacional de Curitiba, relata que as experiências com a contação de histórias para a sua turma (*Nursery* – 4 a 5 anos) são importantes e diversificadas e são trabalhadas ao longo de uma semana. Primeiramente ela apresenta o livro e contextualiza a história para que os alunos se familiarizem. Nas contações seguintes, a professora alterna a representação por meio de imagens e fantoches até que no último dia da abordagem da história, os alunos recontam ou encenam a narrativa trabalhada.

Ana Carolina afirma que o enriquecimento vocabular após as sessões de contação de história é visível, pois as crianças são impulsionadas a interagirem umas com as outras e, por fim, dividem os conhecimentos já adquiridos. Como somente a Língua Inglesa é falada no Colégio e as aulas são em período integral, o índice de desenvolvimento é rápido.

A professora Rubia Opolis, do Colégio Estillo Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, localizado em Pinhais-PR, também utiliza o faz-de-conta em suas aulas da Educação Infantil. Ela relata que descreve com bastante riqueza de detalhes as histórias para que as crianças se familiarizem e também contem, cada um, um pouco de si. A primeira abordagem lúdica do tema é a contextualização oral. Nas próximas contações, a professora utiliza imagens, brinquedos e objetos para as crianças visualizarem o contexto da história até o último dia, quando elas encenam e representam a história em grupos. A professora diz perceber que quando as crianças estão interagindo com as outras, estão se tornando mais conscientes de como tudo seria visto ou sentido por outra pessoa, e acabam se tornando menos egocêntricas.

Quando as crianças brincam de **mamãe e papai, médico e paciente**, as crianças estão fazendo o jogo sociodramático, ou seja, faz-de-contas criados por crianças de forma mútua. As crianças sempre desempenham as funções como se tivessem uma idade mais madura do que realmente têm quando jogam, e, segundo a autora Helena Bee (2003), o comportamento também muda.

Bettelheim (2002) afirma que para a criança, a importância da exteriorização de seus sentimentos é muito grande. Quando brinca com o faz-de-conta e o conto de fadas, essa necessidade passa a ser exposta de forma prazerosa. Isso ocorre, muitas

vezes, pelo fato de a criança ouvir o conto e se inserir na história, pois se identifica com o personagem e deixa seus sentimentos aflorarem.

1.5 A STORYTELLING NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA

Ao ouvir histórias, a curiosidade das crianças é despertada pelo professor contador, o que estimula a imaginação e desenvolve a criatividade, segundo a autora Cléo Busatto (2003). Quando a mesma é contada em outra língua, como a Língua Inglesa, o aluno sente a necessidade de adquirir a nova língua para poder compreender por completo a narrativa. O autor Andrew Wright, em seu livro *Storytelling with children* (1995), afirma que as crianças têm uma constante necessidade por histórias e estarão sempre dispostas a ouvir ou a ler uma, se o momento certo for escolhido. Em se tratando de Língua Inglesa, ela se tornará efetiva se o trabalho for realizado de maneira contextualizada, pois a criança aprenderá a reconhecer os significados de todos os propósitos.

A criança que tem seus primeiros contatos com a Língua Estrangeira por volta dos 4 ou 5 anos, fase que Jean Piaget (1990) determina como pré-operatória e das fantasias, não tem problemas quanto ao não entendimento de todas as palavras de uma história, e busca aprender por meio de adivinhas, assimilações ou previsões. Wright (1995) afirma que as crianças são muito boas em fazer isso na sua língua materna, mas leva tempo e encorajamento para aprimorar essas habilidades e atitudes na Língua Estrangeira.

Em seu livro *Creating stories with children* (1997), Wright aponta que durante a contação são dispostas variedades de linguagens, como a leitura, a fala e a audição, que para o aprendizado da Língua Inglesa são importantes para desenvolver as habilidades de compreensão e fluência. Como suporte para a aquisição da nova língua, a *storytelling* oferece também imagens, fantoches e ilustrações, mecanismos que auxiliam as crianças a preverem ou adivinharem os sentidos das palavras ou do contexto desconhecido.

Os contos mais famosos dos Irmãos Grimm, já conhecidos pelas crianças, também são uma forma para ensinar a Língua Inglesa, pois como as crianças já estão familiarizadas com a história, fazem inferências e deduções de algumas palavras-chave, como, por exemplo, o nome da história *Snow White*. As crianças que já sabem as cores farão inferência e saberão pelo título que é algo relacionado à cor branca. As aulas de Língua Inglesa, segundo Wright (1997), seguem um padrão e utilizam um *warm up* antes de começar a aula, ou seja, conversar com os alunos sobre o que será trabalhado no dia, qual história será contada, fazer um jogo, apresentar *flash-cards* ou contar histórias.

Na dissertação de mestrado intitulada *O papel da narrativa no ensino de inglês na escola pública* (2011), escrita pela acadêmica Raquel Bevilacqua, há exemplos de como

a mestre e professora realiza as contações para os alunos e como é a receptividade e o aproveitamento do aprendizado da Língua Inglesa.

A história *The gingerbread man* foi contada no Colégio Estillo no dia 27 de outubro de 2015, turma Pré-II B, para 19 alunos. A utilização de fantoches foi essencial para representar os personagens e para tornar a compreensão mais facilitada e mais condizente com a realidade das crianças. Para a apresentação do personagem principal, *The gingerbread man*, o fantoche de palito foi utilizado e, no decorrer da narrativa, as crianças fizeram inferências, como a caracterização do personagem, o som dos animais presentes etc. A cada vez que tinha a repetição “*Stop! I want to eat you!*”, “*run, run as fast as you can*” ou “*You can’t catch me, you can’t catch me*”, os alunos repetiam em ritmo espontaneamente. Para a finalização, a professora entregou uma imagem do *gingerbread man* para que os alunos ligassem os pontos e decorassem.

O contato com a história fez com que os alunos aprofundassem o vocabulário já trabalhado anteriormente. As crianças interagiram bastante com a história, perguntando o significado das novas palavras e compartilhando informações pessoais. Um dos métodos adotados pela professora para a fixação de vocabulário foi mostrar o fantoche de palito e repetir a palavra correspondente. Bettelheim (2002) afirma que as histórias devem despertar o interesse dos interlocutores, estimulando a sua imaginação, propondo desafios e possíveis soluções que possam inclusive auxiliá-los, de forma indireta, na solução de problemas.

1.5.1 Sugestões de Atividades de *Storytelling*

O escritor, professor, ilustrador e contador de histórias Andrew Wright (1995) afirma que as narrativas servem não apenas para diversão, mas também para a interação da turma, a imaginação e também para o aprendizado de uma nova língua – como a Língua Inglesa, por exemplo. Para a faixa etária entre os 4 e 5 anos, foco de estudo deste trabalho, o autor apresenta atividades do nível *beginners* (iniciantes), em que as crianças reconhecem cores, números e um vocabulário básico sobre família, animais ou comida. Wright (1995) sugere aos professores que utilizem *miscellaneous language* (português e inglês), ou seja, mesclar vocábulos da *mother tongue* (língua materna) para amparar o ensino da Língua Inglesa.

A seguir, apresentam-se algumas atividades indicadas pelo autor no decorrer do seu livro.

- Jogo da memória: após a sessão de contação de história, o professor pode apresentar oito imagens em pares e escondê-las em seguida. Para finalizar, o professor deve desafiar o aluno a relembrar quais são os devidos pares.

- Bingo: após a sessão de contação, o professor distribui cartelas com seis espaços em branco. No quadro de giz, o professor escreve números de um a dez, ou desenha dez itens presentes na história, de maneira simplificada. Cada criança deve escolher seis números ou desenhos e colocá-los em sua cartela de bingo. O professor então sorteia aleatoriamente seis itens e a primeira criança que completar a cartela gritará “Bingo!”.
- Repita se for verdade: o professor mostra um objeto ou uma imagem e faz uma afirmativa sobre o assunto, por exemplo, mostra a imagem de um *Gingerbread man* e diz: “*This is a cookie*”. Se for verdade, os alunos deverão repetir a sentença; se não, deverão permanecer em silêncio.

Cléo Busatto (2003) afirma que a criança que escuta e se diverte com a história desempenha uma melhor atividade pós-textual, pois estava atenta a todos os detalhes narrados. Busatto (2003) também aponta que a criança deve ser livre para contar histórias, pois nesse ato ela está trabalhando a interação, o cognitivo, o emocional e a imaginação.

As atividades propostas pelo autor fazem com que o vocabulário trabalhado na história seja reforçado e as crianças tenham mais um contato com a Língua Inglesa, o que favorece o aprendizado desse idioma. A introdução ao assunto se torna prazerosa e compensatória, pois o professor pode estimular de diversas formas seus alunos e, assim, vincular o aprendizado à diversão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar a Língua Inglesa com crianças de 4 a 5 anos pode gerar ótimos resultados quando as técnicas e abordagens de ensino corretas são utilizadas.

Após esse estudo, é possível afirmar que a *storytelling* deve ser parte integrante dos currículos de Língua Inglesa das escolas que oferecem aulas do idioma na Educação Infantil.

Dessa maneira, conclui-se que o ensino da Língua Inglesa vinculado à contação de histórias traz um leque de possibilidades que proporcionam o desenvolvimento da criança (cognitivo, intelectual e interacional), fazendo com que sua imaginação seja fomentada.

Observou-se, após o término deste trabalho, a importância da *storytelling* nas aulas de Língua Inglesa na Educação Infantil. É oportuno ressaltar que a continuidade desse estudo com novos enfoques sobre a contação e suas contribuições para o desenvolvimento acadêmico e pessoal das crianças será de grande importância para a formação de professores da Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

- BEE, H. **A criança em desenvolvimento**. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução. Arlene Caetano. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- _____. **A psicanálise dos contos de fadas**. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- BEVILACQUA, M. R. **O papel da narrativa no ensino de inglês na escola pública**. 2011. 109 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2011. Disponível em: <<http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/RaquelBevilacquaLinguistica.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2015.
- BRAZELTON, T. B.; SPARROW, J. D. **Três a seis anos: momentos decisivos do desenvolvimento infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- BUSATTO, C. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- FLAVELL, J. H. **A psicologia do desenvolvimento de Jean Piaget**. São Paulo: Pioneira, 1975. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais).
- GESELL, A. **A criança dos 0 aos 5 anos**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- MUSSEN, P. **O desenvolvimento psicológico da criança**. 6. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1972. (Curso de Psicologia Moderna).
- PIAGET, J. **Epistemologia genética**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- _____. **A equilibrção das estruturas cognitivas: problema central do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- _____. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1990.
- SYLVA, K.; LUNT, I. **Iniciação ao desenvolvimento da criança**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- WRIGHT, A. **Creating stories with children**. New York: Oxford, 1997.
- _____. **Storytelling with children**. Oxford: Oxford University, 1995.

